



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUANA MARIA SALES DE OLIVEIRA

**A MODERNIZAÇÃO DE PARNAÍBA: CONTRASTES ENTRE A CIDADE DAS
ELITES E A CIDADE DAS CAMADAS POPULARES NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX (1920-1950)**

**PARNAÍBA-PI
2024**

LUANA MARIA SALES DE OLIVEIRA

**A MODERNIZAÇÃO DE PARNAÍBA: CONTRASTES ENTRE A CIDADE DAS
ELITES E A CIDADE DAS CAMADAS POPULARES NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX (1920-1950)**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do
Piauí, campus Professor Alexandre Alves de
Oliveira, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador(a): Prof^o Dr^o Idelmar Gomes
Cavalcante Junior.

**PARNAÍBA-PI
2024**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 15:00, na sala de reunião das coordenações do campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, na presença da banca examinadora presidida pelo professor **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** e composta pelas seguintes professoras membros: **Clodson dos Santos Silva** e **Ivanilda Sá Quixaba Ferreira**, a aluna **Luana Maria Sales de Oliveira** apresentou, como elemento curricular indispensável à colação de grau, o Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Licenciatura Plena em História intitulada: **A modernização de Parnaíba: contrastes entre a cidade das elites e a cidade das camadas populares na primeira metade do século XX**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela **APROVAÇÃO** da candidata e eu, professor **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior**, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pela aluna apresentadora do trabalho.

Obs.: Nota 9,0

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br **IDELMAR GOMES CAVALCANTE JÚNIOR**
Data: 18/06/2024 19:51:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí

Clodson dos Santos Silva
Prof. Dr. Clodson dos Santos Silva (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Piauí

Ivanilda Sá Quixaba Ferreira
Prof. Me. Ivanilda Sá Quixaba Ferreira (Examinadora Externa)
Rede Privada de Ensino

Luana Maria Sales de Oliveira
Luana Maria Sales de Oliveira (Graduanda)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e minha avó, Grace e Acelí, minha eterna gratidão, pois estas sempre foram e são minhas maiores incentivadoras na educação. Sempre investiram e acreditaram no meu potencial desde muito nova, além de serem duas referências para mim como professoras exemplares. Amo muito vocês!

Aos meus amigos de longa data: Jorge e Mariana, por sempre pegarem no meu pé e me incentivarem a escrever meu artigo, sem os puxões de orelha de vocês eu não teria conseguido; e aos novos amigos que a UESPI me proporcionou: minhas “operárias” que foram fundamentais na minha trajetória acadêmica, me confortaram e dividiram os mesmos sentimentos comigo em diversos momentos. Vocês foram essenciais!

À minha colega Rabesh, a qual me aproximei após um programa de extensão da universidade e que foi uma pessoa fundamental nessa reta final do curso. Também manifesto minha gratidão ao meu colega Fernando Sales, já formado em História, que me ajudou e me ouviu falar sobre meu TCC por diversas vezes. Você foi muito paciente, amigo!

Gratidão ao meu companheiro dessa longa jornada da vida, Paulo Victor, você foi e é meu suporte diário para todos os momentos. Obrigada por sempre me compreender e por acreditar em mim.

À todos os meus professores do curso ao longo desses cinco anos, em especial ao meu orientador, professor Idelmar. Grata pela paciência e por toda ajuda para que eu pudesse concluir este trabalho.

A MODERNIZAÇÃO DE PARNAÍBA: CONTRASTES ENTRE A CIDADE DAS ELITES E A CIDADE DAS CAMADAS POPULARES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX (1920-1950)

*Luana Maria Sales de Oliveira
Idelmar Gomes Cavalcante Junior*

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo examinar as consequências e efeitos da modernidade na cidade de Parnaíba – PI nos anos iniciais do século XX (1920-1950). Para tanto, foram utilizadas a obra *Beira rio beira vida* de Assis Brasil (1973) que nos serviu como norteadora para ilustrar o outro lado desta modernização que não atingiu as camadas populares; e a dissertação intitulada ‘Ecletismo Parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX’ de Neuza Melo (2011), que nos auxiliou como fonte para mostrar o lado positivo da modernização para a elite. Foi durante a primeira metade do século XX que Parnaíba viveu seu auge econômico através da passagem da economia pecuarista para a extrativista, onde observamos uma transformação da cidade através da inspiração em movimentos como o da *belle époque*. Além disso, há uma notória ascensão de grupos sociais como o dos comerciantes. Em contrapartida, a população pobre marginalizada e que habitava a beira do cais foi se tornando cada vez mais invisível e insignificante para os líderes políticos e para aquela elite emergente. É a partir desse viés que iremos abordar inicialmente, no primeiro tópico de que maneira esta modernização teve impacto da burguesia parnaibana, e no segundo tópico, o seu lado negativo, ou a modernidade que não atingiu as camadas pobres. No que diz respeito aos referenciais teóricos, utilizamos como base as ideias acerca do que vem a ser a cidade e suas complexidades, abordadas por José D’Assunção Barros (2007); e no que tange aos conceitos sobre modernidade, os estudos de Lapa (2008), Berman (1982) e de Melo (2011) nos serviram de embasamento para esta discussão.

Palavras-chave: Belle Époque; Cidade; Modernidade; Parnaíba; Pobreza.

Introdução

Este trabalho teve como objetivo mostrar os efeitos e consequências da modernização na cidade de Parnaíba, - que se manifestaram sobretudo a partir da modificação de sua paisagem urbana-, e como este processo ocorreu de maneira desigual nas camadas da sociedade, bem como apresentar o duplo viés que a modernidade trouxe para a cidade e seus pontos positivos e negativos para a elite e para a camada parnaibana mais pobre. Portanto, o período estabelecido para a pesquisa é a primeira metade do século XX (anos 20, 30, 40 e 50).

De um lado, temos uma modernidade chique e bela retratada através da dissertação de Neuza Melo (2011), que será utilizada como fonte neste artigo, e de outro lado, temos uma

modernidade que não atingiu as camadas populares dos bairros marginalizados, ou melhor, estas pessoas não foram incorporadas ao processo de modernidade de maneira abrangente, de modo que a modernidade não lhes trouxe benefícios, retratados na obra de Assis Brasil. Exemplares do *Almanaque da Parnaíba* também serão utilizados em alguns momentos do texto para mostrar como a pobreza foi silenciada, ou se ela sequer é mencionada no periódico; bem como ilustrar no texto acerca das habitações luxuosas e modernas que eram posse daqueles indivíduos que tinham grande poder aquisitivo, como médicos, advogados e políticos locais.

Este trabalho parte de uma inquietação pessoal, pois como moradora do Bairro São José, ao longo de minha vida sempre pude perceber que os demais habitantes da cidade de Parnaíba associavam o bairro a uma imagem negativa, no qual ele vem carregando ao longo do tempo, que nos remete ao período em escolhi como recorte para a pesquisa.

Esta imagem negativa foi atribuída pela própria população de Parnaíba e através da forma que os governantes trataram o bairro com descaso durante muitos anos. Sendo assim, no livro *Beira rio beira vida*, podemos notar que, embora seja uma obra fictícia, o autor nos transmite muito do cotidiano compartilhado pelos moradores das margens do cais, onde observaremos este fato através da bibliografia complementar que será citada ao longo do texto, que reúne passagens de autores que realizaram pesquisas em periódicos e outros veículos de informação para comprovar tal fato.

Estes moradores da beira do cais, foram, ao longo do tempo, sendo condicionados a viver em uma realidade marcada pela pobreza, fome e miséria. Não por escolha própria, mas porque sua realidade era distinta da dos demais habitantes da cidade, e seja por falta de estudo, de oportunidades de emprego e de ascensão, os habitantes do cais sobreviveram da maneira que puderam, em meio a uma Parnaíba que passava por grandes transformações, sobretudo urbanística e econômica.

A cidade, a modernização e a Parnaíba diante às transformações

A cidade, segundo José D'Assunção Barros (2007), é um lugar multifuncional, ou seja, que desempenha diversas funções ao mesmo tempo, possuindo suas particularidades e organização social à sua maneira. Estabelecer uma definição do que ela vem a ser é de grande complexidade, pois foi somente a partir da Revolução Industrial que a teoria urbana começou a ser produzida de fato (Parker, 2004 apud Soares, 2019).

Na era do medievo, por exemplo, a população tinha outras preocupações, como a de cuidar do plantio e colheita de seus alimentos, portanto não havia um grande discernimento da população do que viria a ser a cidade e qual era seu papel naquela sociedade. Já com a chegada da Idade Moderna, “aparecem notadamente as preocupações com a função econômica, com o modo de vida do cidadão” (Barros, 2007, p. 17), e estas questões vão se estendendo ao longo dos anos e tornam-se um problema de grande complexidade para os líderes, governantes e pessoas que representam uma população inteira.

Ainda a respeito da definição de cidade, com o passar dos anos ela vai adquirindo outras características, em estudos mais atuais, podemos notar que conforme aponta Salgueiro apud Soares:

Nesse sentido, podemos entender que uma cidade será, por natureza, um espaço altamente densificado e de grande dimensão, “uma aglomeração de gente, de capitais e de outras forças de produção num espaço limitado, mas também uma forma de povoamento, um lugar na paisagem dotado de características peculiares em termos de forma e de imagem (Salgueiro, 2005, p. 176 apud Soares, 2019, p. 652).

Por meio de seus estudos apontados em seu livro de 2007, “Cidade e História”, Barros nos mostra que os primeiros teóricos e estudiosos que se debruçaram acerca dos estudos sobre a cidade, chegaram à conclusão de que ela se constituía em torno das instituições sociais: família, propriedade privada e religião, como é o caso do historiador Fustel de Coulanges.

Ainda segundo Barros (2007), a passagem do “modo de produção feudal” para o “modo de produção capitalista” faz com que a cidade se torne um lugar propício para o desenvolvimento do capitalismo comercial. Por “modo de produção feudal” entendemos que a economia era voltada para a subsistência — plantio e colheita — e para o estabelecimento de pequenas trocas comerciais. Já no “modo de produção capitalista”, o lucro entra como fator principal e motivante; o acúmulo de capital e de riqueza é o que vai passar a importar a partir desse momento. É o que se assemelha ao que aconteceu na cidade de Parnaíba, onde falaremos mais à frente com detalhes.

Retomando a discussão citada anteriormente, após a Idade Moderna, temos a passagem para a contemporaneidade, e foi a partir desse processo que a cidade foi adquirindo outras características. A Paris descrita por Baudelaire, é um grande exemplo disso, pois a cidade vai se transformando e mudando suas características estruturais, e não veste mais aquela roupa antes colocada pelos moldes medievais.

A respeito de toda essa transformação, temos a introdução à modernidade, e Marshall Berman, em seu capítulo sobre Baudelaire, em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, nos apresenta a ascensão do que foi esta modernidade, em seu berço arquitetônico e cultural: a Paris no final do século XIX. Baudelaire é testemunho do advento da modernidade e das transformações e reformas urbanas promovidas pelo prefeito Georges-Eugène Haussmann na capital francesa.

Foi por indicação de Napoleão III que Haussmann deu início à remodelação de Paris, e implantou, além de outras coisas, “uma vasta rede de bulevares no coração da velha cidade medieval” (Berman, 1982, p. 144). A construção dos bulevares foi uma grande novidade para a época; hoje é uma das identidades urbanas de Paris, e assim que recém inaugurados, reuniram milhares de pessoas da alta classe parisiense. Eles facilitavam o tráfego urbano fazendo com que ele fluísse de maneira satisfatória, além de possibilitar a mobilidade das tropas francesas de maneira eficaz. De acordo com Berman, estes bulevares “criaram novas bases econômicas, sociais e estéticas para reunir um enorme contingente de pessoas” (1982, p. 146).

Uma das principais motivações para a reforma foi a promoção da salubridade, através da construção de bulevares e praças arborizadas para que houvesse uma maior circulação de ar e diminuição da propagação de doenças. Além disso, os bulevares representavam um visual estético agradável para a cidade, estimulando a expansão do comércio local, de mercados centrais, das óperas entre outras construções. Concomitante a isso, um vasto sistema de esgoto e fornecimento de água foram implantados também (Berman, 1982). Entretanto, essas transformações modernas não foram tão benéficas para a parte miserável da população de Paris, que teve suas habitações destruídas. Podemos perceber que há um lado negativo diante toda transformação, especialmente da modernidade, a qual estamos trabalhando com mais afinco, portanto, “o empreendimento pôs abaixo centenas de edifícios, deslocou milhares e milhares de pessoas, destruiu bairros inteiros que aí tinham existido por séculos” (Berman, 1982, p. 145).

Como Berman (1982, p. 137) traz: “a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar”, ou seja, a beleza e o caos caminham lado a lado no mundo moderno. O que a modernidade trouxe de belo para uma pessoa com poder aquisitivo e prestígio, não funcionou da mesma maneira para o outro lado, ou seja, foi o oposto para um indivíduo miserável, que conseqüentemente sofreu com a segregação social e precisou recorrer para todos os meios possíveis de sobrevivência, pois na

vida moderna, as possibilidades são poucas, principalmente para aqueles que vêm de origem pobre. Berman deixa isso claro quando nos mostra que “na sarjeta, pessoas são forçadas a se esquecer do que são enquanto lutam por sobrevivência” (1982, p. 152).

Conforme o exposto, a reforma urbana em Paris serviu de modelo e inspiração para diversos lugares do mundo. No Brasil, algumas cidades inspiraram-se em sua reforma para promover uma grande transformação urbanística, como foi o caso do Rio de Janeiro. Para entendermos a implantação de toda essa reforma, é necessário retroceder um pouco na história e mencionarmos alguns fatos cruciais que foram desencadeando este acontecimento.

Em 1808, com a chegada da família real ao território brasileiro, há a necessidade de transformar e urbanizar as cidades para que melhor pudessem atender às demandas e às regalias da corte portuguesa. Para além desse fator, também no ano de 1808, houve a abertura dos portos para as nações amigas e anos depois a Proclamação da República, que carregava consigo muitas promessas e a crença no progresso e no avanço do território nacional, porém sua instauração não ocorreu de maneira satisfatória para todos como veremos em outro momento deste texto. Todos estes fatores foram contribuintes para entendermos a modernização no Brasil e posteriormente, na cidade de Parnaíba, que é o foco deste artigo, pois foi após a abertura dos portos que Parnaíba conseguiu comercializar com outras localidades e desenvolveu sua economia. Para entendermos o local, é preciso entendermos o contexto nacional.

Portanto, como mencionado acima, nos grandes centros, como o Rio de Janeiro, já observávamos a ocorrência de diversas transformações. Como afirma Veras: “o que se pretendia era ser ‘civilizado’ como eram os europeus” (Carvalho, 2004, p. 36 apud Veras, 2014, p. 74). Então, foi ainda após a chegada da família real, que “a cidade começou a adquirir uma feição um pouco mais européia” (Carvalho, 2019, p. 144). Além disso, a Europa sempre foi uma inspiração para o Brasil, pois era símbolo de modernidade, de avanço e de civilização, portanto, os grandes centros transformaram-se por meio da arquitetura, da mentalidade, da linguagem e dos costumes como uma tentativa de europeização, como é o caso do Rio de Janeiro, que teve Paris como modelo, onde “o centro da cidade foi depressa modificado, a avenida Beira-Mar foi aberta, jardins foram criados e reformados, os bondes ganharam tração elétrica...” (Carvalho, 2019, p. 38). Porém, o Rio de Janeiro foi remodelado através da destruição, como abordaremos com mais detalhes adiante, de acordo com Fabris apud Bilac: “a avenida, símbolo da modernidade alcançada às custas da destruição da ‘tradição do mau gosto e da imundície’” (Bilac, 1905 apud Fabris, 1993, p. 136).

A modernidade no Brasil ganha força conforme o advento da República, mencionado anteriormente, e os grandes centros urbanos do país inspiram-se em cidades como Paris para promoverem suas reformas urbanísticas, como é o caso da que foi promovida por Pereira Passos, no Rio de Janeiro. O então prefeito da cidade, realizou uma reforma inspirada na do barão de Haussmann em Paris, preocupando-se com o saneamento, embelezando a cidade, alargando as avenidas, introduzindo a iluminação pública, a construção de grandes praças, e consequentemente, afastando a população pobre que ali morava, para as margens da cidade, fazendo com que elas vivessem em aglomerados e habitações irregulares.

Diante disso, sabemos que a Europa foi, por diversas vezes e durante vários anos, inspiração para o Brasil, pois era símbolo de modernidade, de avanço e de civilização. Além do Brasil sempre importar, além de seus produtos, seus ideais e pensamentos progressistas e modernos. Portanto, os grandes centros transformaram-se por meio da arquitetura, da mentalidade, da linguagem e dos costumes como uma tentativa de europeização. Movimentos como a Belle-Époque ganharam muita notoriedade no Brasil. A bela época trouxe consigo símbolos como o progresso, o avanço, a introdução de diversos estilos novos no âmbito da literatura e principalmente da arquitetura. Foi aí que a burguesia encontrou a maneira mais pura de se expressar: através de seus luxuosos casarões, da importação de produtos vindos sobretudo da Inglaterra e da utilização dos utensílios mais atuais do mercado, como automóveis do ano, geladeira, etc.

Parnaíba entra então nesse contexto como uma das cidades que se inspiraram na *belle-époque*. Retomando então as ideias de José D'Assunção Barros (2007) sobre a passagem para o “modo de produção capitalista”, Parnaíba vive uma grande mudança com a transição da pecuária para o extrativismo, que acarretou no desenvolvimento do comércio local. Nesse sentido, a pecuária não conseguiu promover uma mudança estrutural devido ao seu caráter de subsistência e por não apresentar grandes inovações tecnológicas em sua atividade (Queiroz, 2006). Já no período extrativista, ocorreu uma progressão, ou, uma maior intensificação industrial, onde Parnaíba viveu seu auge econômico na primeira metade do século XX.

Sendo fundada em 1762, Parnaíba se tornou vila, e somente em 1844 foi elevada à categoria de cidade, se tornando uma das mais importantes do Piauí durante muitos anos, principalmente por possuir uma localização privilegiada. Ainda enquanto vila, recebeu a construção de um porto para facilitar as trocas comerciais de animais e mercadorias com as demais localidades, denominado de “Porto Salgado”. Desde essa época, notamos que o local era, segundo Melo (2011, p. 38), “alagadiço e insalubre, com más condições de higienização”,

e contava, em sua maioria, com trabalhadores das camadas mais populares, como pescadores, vareiros, barqueiros, entre outros. Entretanto, através deste porto, a economia parnaibana e piauiense se alavancou e se consolidou por meio da extração e exportação inicialmente da borracha da maniçoba e posteriormente da cera da carnaúba e do babaçu. Parnaíba então floresce, pois era o “único centro exportador do Piauí” (Lima, 1987).

Antes da era extrativista citada acima, a pecuária foi predominante no Piauí, especialmente através da indústria do charque, o que fez com que houvesse trocas comerciais com diversas províncias do Brasil. Entretanto, Teresinha Queiroz aponta:

A pecuária e a agricultura de subsistência não apresentaram quaisquer sintomas de mudança estrutural. Ao contrário, definiu-se um processo de atrofia progressiva, manifesto na ausência de inovações tecnológicas, na falta de abertura de novas fontes econômicas complementares e, fundamentalmente, na decadência da base tradicional, a pecuária, que acentuava cada vez mais seu caráter de atividade de subsistência (Queiroz, 2006, p. 52).

Portanto, tais fatores contribuíram para que a economia pecuarista definhasse, abrindo espaço para o extrativismo local. Ainda segundo Teresinha Queiroz, notamos um fato extremamente importante, que é a consolidação do poder nas mãos de poucos, como da elite pecuarista. Segundo a autora, “as atividades econômicas desenvolvidas no Piauí desde o início da colonização têm confluído no sentido da consolidação de certos traços básicos. Dentre esses traços, a extrema concentração de riqueza e, por consequência, do poder” (Queiroz, 2006, p. 51). Posteriormente, este fato irá se expressar aos poucos na sociedade piauiense, principalmente parnaibana, pois o poder irá ficar concentrado nas mãos das mesmas famílias da elite durante anos.

No que tange à modernidade, Parnaíba não ficou para trás comparada aos grandes centros, como o Rio de Janeiro ao qual já citamos no texto. Esta modernidade chegou até a cidade devido a alguns fatores cruciais, já mencionados, como sua localização privilegiada, pois na época, o porto era ativo e havia a prática do comércio de exportação, por onde as notícias circulavam rapidamente. Parnaíba estabelecia comércio não só com outras regiões do Brasil, mas também com a Europa e Estados Unidos pelas vias fluvial e marítima. Além disso, havia na cidade muitos comerciantes e empreendedores de fora, que traziam novidades e itens luxuosos para dentro de suas residências. E foi durante o mandato de alguns prefeitos de Parnaíba, como Ademar Neves (1931-1934), que houve uma grande reforma urbanística na cidade, mas somente nos centros e nas áreas mais privilegiadas, como a reforma que ocorreu em 1932, onde a Praça da Graça e a Praça Santo Antônio foram arborizadas, contando com a

implantação de jardins, pois estes lugares eram frequentados pela elite, portanto precisavam ser agradáveis e bem cuidados.

Por modernidade, a entendemos como uma grande mudança estrutural, mas não abrupta, e sim por meio de um longo processo. É uma passagem e transformação das mentalidades, da forma de se expressar, da economia, do cotidiano das pessoas, da arquitetura, etc. Como afirma Ana Lucia Martins:

O conceito de Modernidade está associado as transformações nas instituições políticas, econômicas e na vida cotidiana derivadas de revoluções políticas e econômicas, como, por exemplo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa que marcou o desenvolvimento do capitalismo. O capitalismo criou um novo modo de vida que produziu mudanças profundas no trabalho, nas cidades, na vida rural, na relação sociedade e natureza, no consumo de mercadorias, nas subjetividades humanas e distinguiu a vida social moderna da vida social de outras culturas consideradas tradicionais, antigas (Martins, 2021, p. 01).

Portanto, essa modernidade se expressou de diversas formas dentro da cidade, mas a que mais se destacou foi na arquitetura das residências, que é a que terá mais ênfase neste texto. Conforme afirma Melo (2011), há um simbolismo por trás dessa arquitetura, pois ela exalava poder, ânsia pelo que era moderno e era símbolo de posição social, notamos isso através das habitações, que “tendiam-se à utilização máxima de materiais importados e ao emprego das formas arquitetônicas como símbolo de posição social” (Reis, 2004, p. 180 apud Melo, 2011, p. 29). A “belle époque parnaibana” abrangeu elementos da cultura de fora com elementos locais, e a cidade foi se transformando aos poucos, onde se configurou “uma prática arquitetônica particularizada, carregada de referências próprias do espaço de Parnaíba” (Melo, 2011, p. 30). Quando nos referimos à “belle époque parnaibana” queremos enfatizar que ela se inspirou nos moldes europeus, ou seja, ela foi uma condição existencial da Europa, e que inspirou diversos lugares do mundo, especialmente Parnaíba que é o nosso foco.

Na cidade, o estilo Eclético foi o que mais se estendeu no período em questão, e segundo Melo, ele abrangia a união de vários estilos que ocorreram em determinados momentos na Europa, ou seja, ele possui “diversas influências, espaciais ou temporais” (Melo, 2011, p. 56). O estilo em questão iniciou-se no século XIX na Europa, principalmente na França, Inglaterra e Alemanha, e teve como característica um contexto de transformações, como a substituição das ferramentas pelas máquinas, do avanço tecnológico, de novas técnicas na engenharia, e no campo arquitetônico, onde havia uma necessidade da busca por um estilo “capaz de representar os novos ideais do homem, como a razão, a civilidade, a virtude e a importância do conhecimento. Era importante ainda que fosse um estilo

relacionado ao que é belo.” (Melo, 2011, p. 58). Portanto, para ser um exímio arquiteto nesse período, o indivíduo deveria ter o conhecimento e domínio de diversos estilos para que pudesse agradar e atender à demanda da elite, pois o Ecletismo é uma mistura de diversos estilos arquitetônicos (Melo, 2011). Assim, com a junção da influência de fora e de aspectos da cultura local, como a utilização da carnaúba para a cobertura das estruturas das residências, Parnaíba foi desenvolvendo seu estilo único.

Fabris nos fala que um dos elementos mais importantes do ecletismo “se concentra na fachada” (1993, p. 134), e as residências de Parnaíba souberam expressar bem sua inspiração neste estilo. A autora afirma que “a ideia dominante do século XIX é de que a arquitetura deve ser representativa, de que deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o *status* de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular” (Fabris, 1993, p. 134). Portanto, quanto mais detalhada e cheia de elementos, mais bonita e moderna a residência era considerada. Ainda de acordo com Fabris:

Assiste-se nos bairros o surgimento de edificações estruturalmente simples, mas marcadas por detalhes decorativos, que sintetizavam as aspirações de prestígio e ascensão social de seus habitantes e a vontade de contribuir, na medida do possível, à qualificação e ao embelezamento da cidade, patrimônio comum imaginário de toda a sociedade. O gosto pelo pitoresco, evidenciando na moda dos chalés e dos quiosques, que se impõe no último quartel do século XIX, faz parte desse quadro de referências (Fabris, 1993, p. 139).

O anseio pelo que era diferente e novo foi tão grande, que algumas casas foram construídas com o estilo Chalé, bastante conhecido em regiões onde há a presença de neve, para que ela não acumulasse no telhado das residências. O lar de um indivíduo parnaibano com um bom poder aquisitivo era completo e contava com os aparelhos mais modernos, como geladeira, luz elétrica, água quente dentre outros aparelhos tecnológicos (Melo, 2011). A planta das casas também passou a ter um espaço na lateral para a ocupação dos automóveis.

No ano de 1916, ocorreu o início da construção da estrada de ferro, posteriormente, no ano de 1924, foi criado o Cine-Teatro-Éden, local de sociabilidade e distração para a elite parnaibana, dentre outras mudanças que causaram impacto no cotidiano daquela sociedade. Porém com todo progresso, há um retrocesso. Devido a todas essas inovações, houve o surgimento de outros problemas como o aumento populacional, a propagação de doenças que assolaram a população da época e a poluição. Portanto, houve uma intensa modificação nos prédios e nas demais construções que passaram a ter cômodos e ambientes mais amplos, as ruas passaram a ser calçadas, houve uma maior intensificação da limpeza pública, dentre outras medidas sanitárias, pois segundo Nunes apud Melo “era prioridade embelezar a cidade

como representação do progresso e da modernização” (p. 348, 2011, p. 52). Entretanto, todas essas mudanças não chegaram para os bairros mais marginalizados e nem para a população mais pobre de Parnaíba. Ou seja, essa modernidade não chegou para todos, não atingiu todas as camadas da sociedade de forma igual. Ela foi restrita, tinha um público alvo e foi palpável somente para aqueles que detinham dinheiro e poder dentro da cidade, muito embora a camada popular parnaibana tenha tido certa participação nessa era moderna através de sua mão de obra, de seu trabalho assalariado, ela não se beneficiou de maneira efetiva do que esta modernidade trouxe de mais belo.

Na imagem abaixo retirada do Almanaque da Parnaíba notamos na descrição da foto o apreço pela arquitetura moderna do Cine Teatro Éden, assim como de outras construções e prédios na cidade de Parnaíba, como veremos mais à frente. O que vinha como inspiração de fora era considerado belo e era motivo de admiração, ganhando assim, destaque nas páginas do *Almanaque da Parnaíba*, que eram consumidas pela elite local.

Figura 1 - Fotografia do Cine Teatro Éden no Almanaque da Parnaíba: “O esplêndido palacete de moderna architectura”.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1926, p. 32. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Dentro da configuração de uma cidade, existem grupos sociais distintos que têm interesses diferentes. Na cidade de Parnaíba a realidade não foi muito distante para que pudéssemos comprovar isso, de acordo com José D’Assunção Barros:

Na comunidade existe uma distribuição desigual de poder em relação à distribuição da riqueza e do poder econômico, registrando-se a exclusão de uma larga base de cidadãos das decisões de interesse coletivo. Conforme esta perspectiva, somente umas poucas pessoas que representam grupo das elites, dentro do qual existe homogeneidade e coesão, detêm os poderes de decisão sobre o resto da comunidade. Assim, forma-se dentro do grupo das elites um setor especial [...] a “elite do poder” - homens que detêm simultaneamente poder, prestígio e influência. (Hunter, 1953 apud Barros, 2007, p. 65).

Em Parnaíba no início do século XX as “elites do poder” viveram tempos áureos, sobretudo os comerciantes, que foram quem mais se beneficiou quando a economia parnaibana prosperou. A Casa Inglesa por exemplo, era uma das construções que possuíam mais destaque em Parnaíba, fundada em 1849, localizada na antiga Rua Grande, atual Avenida Presidente Getúlio Vargas, a edificação contava com um refinamento sem igual, tanto na parte interior quanto na parte exterior, e a família Clark — então proprietários da casa — tinham uma cultura baseada nos costumes europeus, usavam roupas com tecidos importados, estudaram na europa e mantiveram alguns hábitos da Inglaterra, como “o chá das cinco, servido na faiança inglesa e ao som do piano também inglês” (Melo, 2011, p. 47).

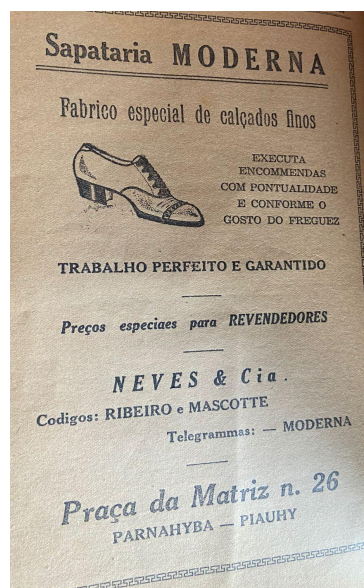
Figura 2 - Fotografia da Casa Inglesa no Almanaque da Parnaíba: “sólida e elegante edificação”. Construída em 1814 e reconstruída em 1920.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1926, p. 48. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Outro contribuinte para este fato é uma rica fonte documental que comprova esse poderio econômico nas mãos de pessoas influentes: o Almanaque da Parnaíba. O periódico fundado na cidade em 1923, pelo empreendedor Benedicto dos Santos Lima, era editado e publicado anualmente, contendo poemas, notícias de Parnaíba e região, homenagens a pessoas ilustres da época e propagandas de lojas, sapatarias, entre outros empreendimentos. Em várias páginas de diversos exemplares notamos propagandas de estabelecimentos que contavam com produtos dos mais requintados e modernos, como mostra a ‘Sapataria Moderna’, que em 1930 já exalava modernidade. Só anunciava quem possuía poder aquisitivo para tal, ou seja, os grandes comerciantes da cidade; assim como os homenageados, que eram somente homens vistos como um exemplo para a população da cidade e que detinham poder e prestígio.

Figura 3 - Divulgação da Sapataria Moderna



Fonte: Almanaque da Parnaíba (1930, p. 22). Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Dito tudo isso, já sabemos que houve uma grande remodelação na cidade a partir dos anos 1900, que se expressou principalmente através da arquitetura importada dos grandes centros, e que a elite parnaibana era ansiosa pela modernidade e por tudo aquilo que fosse novo, ou seja, como afirma Lapa: “a cidade de barro vai sendo substituída pela cidade de tijolos” (2008, p. 105). José Roberto Lapa, em seu livro *A cidade: os cantos e os antros* fala das diversas transformações que a cidade de Campinas em São Paulo sofreu no século XIX, e que se assemelha muito às transformações vivenciadas por outras cidades do Brasil, especialmente com Parnaíba, a qual estamos trabalhando, obviamente no que diz respeito à algumas características da modernidade, e não todas as mudanças como um todo. Devido a essa grande modificação, não podemos esquecer a inspiração também na grande Paris, com isso, segundo José Roberto Lapa:

A modernidade irá afrancesar o comércio de artigos finos, contribuindo naturalmente para mudar o estilo de vida dos extratos mais altos da sociedade local. Vestuário e alimentação, condução e estética, lazer e arte, serviços e conforto passam a ser atendidos por uma variedade de estabelecimentos que se apresentam com nomes franceses (Lapa, 2008, p. 283).

Na dissertação de Neuza Melo (2011), temos uma Parnaíba bela e chique, que nos é retratada através de suas construções e residências modernas. E além do prefeito Ademar Neves, outro grande nome no que tange às reformas urbanísticas é o médico Mirocles Campos Veras (1934-1936, 1937-1945), que em 1934 promoveu uma grande transformação na cidade, dentre outras atribuições, ele foi responsável “pela execução de obras como a

construção da Praça Santo Antônio, o calçamento de várias ruas urbanas, o arruamento do Bairro Campos e, por fim, o estudo dos serviços de água e esgoto da cidade” (Melo, 2011, p. 52). Nas imagens abaixo vemos reformas ainda do mandato de Ademar Neves (1931-1934). Porém estas reformas não atingiram todos os bairros e não chegaram até as camadas mais populares como veremos adiante.

Figura 4 - Embelezamento Urbano: calçamento das ruas próximas à Praça Matriz.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1933, p. 97. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Figura 5 - Calçamento e ajardinamento das ruas.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1933, p. 127. Acervo: Gabinete da Leitura - Parnaíba.

Beira rio beira vida e a modernidade que não alcançou todas as camadas sociais

Como viemos mencionando ao longo deste trabalho, a modernidade não chegou para todos, como afirma Cardozo apud Silva, para muitos ela foi apenas “uma vaga notícia” (2012, p. 45, 2017, p. 73). Podemos comprovar essa série de fatos através da obra de Assis Brasil, *Beira rio beira vida*, onde há uma Parnaíba segregada, marcada pela pobreza e pela miséria presentes no dia a dia dos habitantes da beira do cais, que hoje correspondem ao bairro Mendonça Clark e São José.

O contexto literário daquele período no qual Assis Brasil escreveu sua obra, era da poesia marginal e da geração mimeógrafo, que ocorreu em meados dos anos 70 e 80. Onde artistas sentiram a necessidade de se expressar em meio ao período turbulento e turvo que estavam vivenciando: a ditadura militar. E foi justamente nesse contexto que *Beira rio beira vida* foi escrito, expressando através de suas linhas a vida daquelas pessoas marginalizadas e que sofreram com a pobreza e desigualdade.

É importante ressaltar, antes de tudo, a importância da aproximação História-Literatura. Há muito tempo que os estudos historiográficos vêm se aproximando do campo da literatura pela sua contribuição e revolução nas formas acadêmicas convencionais (Santos, 2007). Diversos autores têm se debruçado sobre os estudos da relação da História com a Literatura, pois apesar das obras literárias serem fictícias, elas são inspiradas, muitas das vezes inspiradas em eventos, pessoas e lugares reais, e até possuem contextos históricos e sociais válidos e que podem servir como fonte para a história (Nunes, 2016).

“Narrar é um procedimento comum ao historiador e ao literato” (Nunes, 2016, p. 802) porém ambos traçam esse caminho de formas distintas. Enquanto a história se preocupa com a realidade dos fatos, a literatura trabalha mais com o campo da imaginação. E “mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram” (Martins, 2015, p. 3892). Ainda segundo Martins: “a literatura permite que se acesse o “clima” de uma época, e também o modo como as pessoas pensavam o mundo a seu redor, tornando possível que se percebam sensibilidades, valores, perfis” (Pasavento, 2004 apud Martins, 2015, p. 3897). Portanto, é a partir desta linha de raciocínio que utilizaremos a obra de Assis Brasil para mostrar o outro lado dessa modernidade que não atingiu as camadas populares de Parnaíba.

Em seu livro, o autor nos introduz ao cotidiano da população pobre que vivia à beira do cais às margens do rio Igaraçu, braço do rio Parnaíba. Como válvula de escape e como

uma forma de sobrevivência, as mulheres recorriam à prostituição para garantirem o sustento da casa e de suas filhas, fruto de relações sexuais com marinheiros que atracavam no porto e posteriormente partiam sem assumir a paternidade e que muitas das vezes não retornavam mais para a cidade.

A história se passa entre as décadas dos anos 30 e 40 do século XX, onde o contexto nacional era de profundas transformações, tanto pela Proclamação da República, como pela chegada da modernidade no país, inspirada em grandes cidades da Europa, como Paris. Na obra, temos a presença de três personagens fictícias, Cremilda, Luíza e Mundoca, que se prostituem como meio de sobrevivência. A vida dos indivíduos que habitavam essa região era marcada pela pobreza e pela invisibilidade por parte das camadas mais favorecidas e pelas autoridades.

De acordo com José D'Assunção Barros, a cidade dentre outros atributos, é separada por funções sociais, dentre elas as zonas residenciais, que são, segundo o autor:

Separadas claramente umas das outras conforme o seu tipo de habitantes. [...] Os critérios de separação podem ser as categorias sociais, necessidades profissionais, as etnias, ou até o predomínio desta ou daquela faixa etária. É a esta prática cidadina de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos denominam “segregação espacial” (Barros, 2007, p. 75).

Sendo assim, diversos bairros do Brasil afora sofrem com a segregação espacial mencionada por Barros, e com os bairros São José (antigo Tucuns), Mendonça Clark e Bairro do Carmo (antiga Coroa) na Parnaíba no início do século XX, não foi diferente. Desde o medievo, haviam muros que separavam localidades e habitantes de acordo com sua religião, nacionalidade ou etnia (Barros, 2007) e esta segregação se estende até os dias atuais. Mas ela não é tão aparente, pois muita das vezes se manifesta através de símbolos, que segundo Barros, pode ser “a fronteira entre um bairro popular e um bairro de gente mais rica, pode ser uma esquina, uma ponte [...] Mais dificilmente se vê falta de saneamento, de serviços públicos e de policiamento naqueles bairros habitados pelos ricos do que nos guetos ou zonas pobres de periferia (2007, p. 75-76). Foi o que aconteceu com os bairros pobres em detrimento dos mais privilegiados de Parnaíba.

Enquanto a antiga Rua Grande, hoje Avenida Presidente Getúlio Vargas recebia toda atenção por parte dos políticos locais e ostentava suas residências modernas, os moradores da beira do cais sofriam com a falta de calçamento nas ruas, com a falta de serviço de esgoto e suas residências eram feitas a partir de elementos extraídos da vegetação local, como a palha da carnaúba para fazerem os tetos de suas casas. A Rua Grande, as belas praças arborizadas,

as lojas, os cafés, as ruas pavimentadas que possuíam calçamento e todo o resto resumiam-se à “cidade” para as personagens do livro de Assis Brasil. Quando elas dizem que “o resto não era cidade pra ninguém” (Brasil, 1973, p. 25), elas se referiam a esses locais como lugares distantes e inacessíveis, fato denota um sentimento e complexo de inferioridade em relação ao lado “belo”, da “boa família”, dos habitantes ricos e construções respeitosas e bem planejadas da cidade.

Um fato que assola os bairros que abrangem a beira do cais até hoje são os alagamentos. Seja por falta de planejamento, pelas fortes chuvas ou pela cheia do rio Igarau, esse é um problema que assola até hoje essas localidades. Nos dias de fortes chuvas, essas famílias tinham suas casas e barracões invadidos pela água, que perdiam inúmeros de seus pertences, enquanto os moradores do lado nobre da cidade permaneciam tranquilos e acomodados dentro de suas residências modernas, que já possuíam luz elétrica. Conforme afirma Ferreira (2019, p. 52): “as ruas estão sempre cheias de poças de água o que provoca o aparecimento de sapos, cobras, ratos e um mal cheiro bem característico. As chuvas e o descaso do poder público e de alguns moradores também fazem surgir matos e acúmulo de lixo pelas ruas”, o que é algo bem característico do bairro São José.

Como diz a passagem do livro de Brasil: “... o rio continuava nas cheias a invadir as ruas, a Coroa alagada ... as muriçocas não deixavam ninguém dormir” (1973, p. 16). Além de que a disposição das casas presentes nessas áreas é bem peculiar, visto que, “mais próximo da margem do rio, as casas são bem próximas umas das outras, teto baixo, uma única entrada na frente e uma janela. E, ao nos distanciarmos do rio, as casas vão aumentando seus terrenos e “soltando” do muro.” (Ferreira, 2019, p. 52).

Portanto, a questão do contraste das moradias era gritante, como podemos observar nas imagens 6, 7 e 8 que serão mostradas na página seguinte.

A maioria das fotografias das residências que podemos encontrar nas fontes documentais são aquelas que pertenciam às pessoas de prestígio, pois eram construções que possuíam uma arquitetura moderna, porque eram estas as residências que a sociedade elitista parnaibana gostava de apreciar ao ler o *Almanaque da Parnaíba* ou qualquer outro periódico da época. Se por um lado essa elite apreciava as belas residências modernas da cidade, por outro lado, olhava com desprezo para os espaços menos favorecidos, pois era uma parte da cidade que lhes trazia um sentimento de vergonha e não havia a menor possibilidade de algum deles colocar seus pés em uma região tão miserável como aquela.

O *Almanaque da Parnaíba*, portanto, dedica várias de suas páginas para exibir as residências de doutores, advogados e políticos locais. Essas residências foram construídas

com os materiais mais modernos da época, alguns deles sendo importados. Sempre bem localizadas, perto do centro e da Rua Grande, estas residências exalavam o que havia de mais moderno e elegante na época. Em contraposição, a habitação de um morador popular jamais sairia na página de um periódico de forma positiva, pois era símbolo de atraso e insalubridade, além de ser uma vergonha para a imagem da cidade.

Figura 6 - Localizada à Rua Grande, a residência do Coronel José de Moraes Correia, descrita como construída com todos os requisitos de higiene, conforto e modernismo.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1926, p 16. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Figura 7 - Residência do Dr. Samuel Santos no Almanaque da Parnaíba: “uma das construções mais modernas da cidade”.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1926, p. 24. Acervo: Gabinete da Leitura - Parnaíba.

Figura 8 - Residências da época tidas como elegantes e bem localizadas.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1931, p. 93. Acervo: Gabinete da Leitura - Parnaíba.

Lapa (2008) fala que os indivíduos que habitam a cidade “visível” querem “eliminar de vez do seu convívio constrangedor” os habitantes que compõem a outra cidade, tida como “invisível” (p. 124). Ou seja, as pessoas de poder tentam a todo custo empurrar os moradores pobres para debaixo do tapete, para que não sujem a imagem da cidade, entretanto, não conseguem, visto que “não há como eliminá-los ou expulsá-los da urbe. Eles têm de ficar, entre os bons, os classificados.” (Lapa, 2008, p. 124). Ainda segundo José Roberto Lapa:

Essas categorias precisam ser ocultas, serem invisibilizadas. A cidade não fora feita para elas. O espaço que passava a lhes ser reservado não se encaixava dentro do urbano e, quando nele permanecia, eram ali confinadas, segregadas para que não fossem vistas. [...] Se não era possível eliminá-los... que fossem invisibilizados, remetidos para a cidade invisível, que se contrapunha à cidade visível, bem comportada e saudável que se pretendia (Lapa, 2008, p. 325).

Mendicantes, doentes, miseráveis, prostitutas são pessoas indesejadas dentro da cidade moderna, e existem diversas tentativas de tentar afastá-los do convívio social, como nos mostra Cardozo: “Os estivadores e vigias das casas de taipa dos bairros invadidos pela modernidade como o bairro Nova Parnaíba foram deslocados para as zonas periféricas” (2017, p. 73). Portanto, muitas das vezes estas pessoas são forçadas a coexistir umas com as outras, mesmo que de forma indesejada, porém, quando conseguem, as autoridades os afastam do convívio com o resto da sociedade “civilizada”.

Outro aspecto importante que demonstra este contraste social é no que diz respeito à oportunidade de emprego e ascensão social. Em *Beira rio beira vida* vemos o quanto é sofrida

a vida de um morador que nasce à beira do cais; os indivíduos que nasciam nessa região já estavam fadados, em sua maioria, a viver em meio à miséria e à falta de oportunidade.

O livro nos mostra o exemplo das personagens principais, que como meio de sobrevivência e para garantir seu sustento e pão de cada dia, começaram a se prostituir desde novas, muito embora não tivessem com o que se alimentar quando os negócios iam mal. Em determinado momento do texto, a filha de uma das personagens menstrua pela primeira vez, a mãe dela por sua vez afirma que agora ela poderia ter homem e ajudar no sustento de casa: “agora você pode ter homem, besta. E até que pode ajudar sua velha mãe” (Brasil, 1973, p. 26). Um outro fato importante que deve ser mencionado é a falta de acesso a comida, muitas das vezes as personagens diziam que não se alimentavam, ou se alimentavam somente uma vez ao dia. Quando tinham algum alimento ficavam animadas ao comer, porém elas sempre diziam que “a gente nem reparava que comia só uma vez ao dia” (Brasil, 1973, p. 9).

A prostituição era um meio de sustento, como já afirmamos, mas muitas pessoas acabavam entregavam-se à embriaguez, suicidavam-se, viravam pescadores, barqueiros ou possuíam seu próprio plantio para comercializar. Era uma realidade desigual e feia, contrastando com o que a bela época carregava de positivo.

Além da dificuldade de ascensão social, estas pessoas pobres e miseráveis não podiam frequentar os mesmos locais que a elite, pois eram vistas com maus olhos; não entravam nos cafés, nos armazéns nem no cinema, portanto “os pobres deveriam ser mantidos à distância” (Cardozo, 2017, p. 74). Além disso, sofriam com o desemprego, como dito anteriormente, pois os empresários e comerciantes não desejavam um indivíduo pobre e vestido com roupas baratas e remendadas trabalhando em seu estabelecimento, muito menos alguém com antecedentes criminais ou ligados à prostituição, e isso fez com que muitos moradores da região do cais buscassem trabalhos informais como meio de sustento. Podemos observar isto quando a personagem Mundoca consegue um emprego, mas foi por pura caridade de seu padrinho. Ela não dura muito na loja e seu padrinho a desloca para o armazém na parte dos fundos da loja, onde as freguesias não sentiam mais medo da presença dela, pois “se sentiam mais seguras, podiam agora escolher as fazendas à vontade, sem a presença daqueles olhos esbugalhados ou daquele sorriso sem dentes” (Brasil, 1973, p. 32-33). Muitas dessas pessoas só queriam também “um lugar sob a luz” (Berman, 1982, p. 151), que a modernidade carregava consigo e com suas promessas pautadas no progresso e avanço para a população, que obviamente, atingiu apenas uma restrita camada da sociedade.

Por outro lado, como afirma Melo (2011), os mais variados produtos e gostos foram consumidos pela sociedade parnaibana durante o século XX. Os estabelecimentos

preocupavam-se com a higiene e com a boa aparência, conforme podemos observar na propaganda do ‘Bar Pimpão’.

Figura 9 - Fotografia do Bar Pimpão.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1934, p. 122. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

Na descrição das atribuições do bar, vemos que há o serviço prestado de garçonetes com asseio, presteza e decência. Ou seja, para serem contratadas nesses estabelecimentos, as mulheres deveriam ter boa aparência, o que contrasta com o que Assis Brasil nos mostra, pois devido a falta de oportunidade, algumas mulheres da beira do cais recorriam à prostituição para conseguirem sobreviver. Segundo a obra, nenhum armazém, loja ou comerciante olhava com bons olhos para contratar uma mulher da vida em seus negócios, isso afastaria a freguesia; e que nenhum homem tinha interesse em se amigar com uma mulher do cais, pois “mulher passada pela mão de outro tinha era que ser mesmo rapariga.” (Brasil, 1973, p. 50).

Um dos benefícios da modernidade foi a inovação e avanço que trouxe para a cidade, como por exemplo: a luz elétrica. Lapa, com o exemplo da cidade de Campinas, nos afirma que, com a chegada da iluminação pública e elétrica, os moradores que antes viviam confinados em suas casas, foram “descobrimdo a noite e seus prazeres” (Lapa, 2008, p. 129). A noite na região do cais atraía as mais diversas personalidades: milicianos, barqueiros, trabalhadores, dentre outros diversos indivíduos entregavam-se à boemia noturna, nos cabarés, na Rua dos Barqueiros, assim denominada pela constante presença destes trabalhadores, onde o “aglomerado de embarcações se reunia, tanto para comprar como para dançar e beber nos dias cotidianos” (Lima, 1987, p. 17), na Munguba — local onde funcionou um dos cabarés mais conhecidos da região durante anos —, entre outros estabelecimentos que reuniam estes indivíduos que celebravam a vida à sua maneira. A noite para estas pessoas era

como uma válvula de escape, uma maneira de festejar em meio à tanta miséria na qual eles estavam rodeados.

Um último aspecto que não podemos deixar de lembrar é a questão higiênica e da salubridade. Enquanto um lado era visto como atrasado, inferior, sujo e insalubre, o outro lado da cidade era visto como moderno, avançado, limpo e higiênico. No século XIX e XX tivemos a presença dos surtos de várias epidemias no Brasil e anteriormente, nas redondezas da Igreja matriz, havia a presença de abatedouros e curtumes (Melo, 2011), e isso foi sujando a imagem da cidade. Eles foram transferidos para outros locais e após o surgimento das epidemias na cidade de Parnaíba, os governantes passaram a se preocupar com a população, especialmente com os mais pobres que não tinham acesso à saúde, e “estavam mais expostos a moradias precárias e insalubres, sem contar com os moradores de rua, os mais atingidos pelas moléstias epidêmicas” (Veras, 2014, p. 80).

O problema da saúde pública, portanto, foi se tornando um fator alarmante para as autoridades, mas não por razões humanitárias, mas sim para que aquelas pessoas pobres e doentes não sujassem mais ainda a imagem da cidade. Na modernidade, a higiene é sempre motivo de preocupação, “há sempre uma conjugação de esforços no sentido de manter a cidade limpa, desodorizada e agradável aos sentidos” (Lapa, 2008, p. 183). Com isso, a polícia promoveu uma grande fiscalização das embarcações que entravam e saíam da cidade, controlando suas cargas e seus passageiros, pois o surto de varíola estava avançando (Veras, 2014).

Dito isso, uma grande instituição que teve papel importante e crucial na vida da população pobre foi a Santa Casa de Misericórdia, pois prestava serviço a esta população “especialmente em períodos de secas e inundações, momento no qual a classe mais pobre está vulnerável à fome e a doenças infectocontagiosas” (Veras, 2014, p. 83). No livro de Assis Brasil, vemos a discrepância da prestação de serviços relacionados à saúde nas diferentes classes, em determinado momento uma personagem diz para a outra que “só as desvalidas nascem na Santa Casa; senhora boa e decente tem filho é em casa, arrodada da família, com médico e parteira” (Brasil, 1973, p. 31). E embora o hospital tenha ajudado esta população no tratamento de suas doenças, foi mais uma maneira de reafirmar os estereótipos acerca das camadas pobres, além de promover a limpeza dos locais públicos destas pessoas enfermas.

Figura 10 - Inauguração do novo pavilhão da Santa Casa no ano de 1928.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1929, p. 82. Acervo: Gabinete de Leitura - Parnaíba.

As reformas no hospital também expressaram aquilo que a modernidade queria transmitir: civilidade e boa aparência, além de “proporcionar um espaço limpo com indivíduos saudáveis no propósito de não prejudicar as transações comerciais e assim fazer de Parnaíba próspera para o século que começava” (Veras, 2014, p. 83).

Considerações finais

A modernização da cidade de Parnaíba no final do século XIX e início do século XX marca uma era de grandes transformações no território, onde novos hábitos, comportamentos, mentalidade e costumes foram sendo instaurados no Brasil. E inspirada nos grandes centros, Parnaíba se desenvolveu à sua maneira, aderindo elementos do exterior juntamente a elementos locais. A partir da mudança de sua paisagem urbana, principalmente da arquitetura dos casarões, pudemos perceber de que maneira ocorreu esta transformação.

Através da dissertação de Neuza Melo, percebemos o quanto a elite parnaibana estava ansiosa pela modernidade e pelo novo. Para sentir-se europeia e moderna, a cidade começa a remodelar-se através do decreto de prefeitos e autoridades locais, e também por meio da mudança das mentalidades das pessoas que habitavam a cidade naquela época, pois era importante carregar o título de um lugar belo, seguro e longe da insalubridade.

Porém, a modernidade traz consigo um duplo viés: se por um lado ela alcançou a elite parnaibana em seus tempos áureos da economia, por outro ela não atingiu os menos favorecidos que habitavam as áreas marginalizadas da cidade; para alguns destes indivíduos ela se tratou apenas de uma vaga notícia. E através da análise da obra de Assis Brasil, notamos este contraste, entre o real e o imaginado e o que ela trouxe para estas camadas mais pobres da sociedade, ou deixou de trazer.

Em meio ao ápice do seu desenvolvimento econômico no século XX, Benedicto dos Santos Lima, proprietário da Merceria Bem bem, criou em 1924 um periódico bastante difundido e consumido pela elite local: o *Almanaque da Parnaíba*. Através dele notamos o quanto a pobreza na cidade foi silenciada, pois não há uma menção a estas áreas menos favorecidas, mas sim uma exaltação das grandes personalidades da época e de suas belas residências bem localizadas.

Dessa forma, ao longo do texto fica notório o quanto esta modernidade traz conflitos para dentro da cidade, tanto pelo lado que se diz moderno, quanto pelo outro lado que é deixado à míngua, é desprezado e ignorado por todos. E alguns destes estigmas ainda permanecem vivos dentro da memória local, pois a história da vida da maioria dos moradores da beira do cais no início do século XX é marcada pelo sofrimento, pela luta, resistência, e pela invisibilidade.

Portanto, é possível perceber o favorecimento e o foco das autoridades e dos comerciantes em determinados locais, fazendo com que eles sejam locais beneficiados e de máxima civilidade, enquanto outros espaços, como os bairros que abrangem a beira do cais, não recebam tanta atenção e nesse sentido começam a ser taxados e classificados de maneira negativa.

Referências

BARROS, José D'Assunção. Cidade e História. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **Beira rio beira vida**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1973.

CARDOZO, Messias Araújo. SILVA, Josenias dos Santos. Parnaíba e o avesso da *belle époque*: cotidiano e pobreza (1930-1950). Revista Piauiense de História Social e do Trabalho. Parnaíba-PI: Ano III, n. 05, julho/dezembro 2017, p. 72-75.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclético no Brasil: o cenário da modernização. São Paulo: ECA/Universidade de São Paulo. Anais do Museu Paulista, n 1, 1993, p. 131-143.

FERREIRA, Ivanilda Sá Quixaba. Caminhadas pelo patrimônio: experiências educativas no sítio histórico de Parnaíba. Universidade Federal do Piauí. VOX MUSEI arte e patrimônio, 2019.

LAPA, José Roberto do Amaral. A cidade: os cantos e os antros. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

LIMA, R. Souza. Vareiros do Rio Parnaíba e outras histórias. Fundação Cultural do Piauí, 1987.

MARTINS, Ana Lucia. O que é Modernidade?. Blog Café com Sociologia, 2021. Disponível em: >https://cafecomsociologia.com/conceitomodernidade_texto_ensino_medio<.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. Universidade Estadual de Londrina, 2015, p. 3889-3901.

SOARES, Manuel Pereira. A dificuldade em definir cidade: atualidade da discussão à luz de contributos recentes. São Paulo: Cad. Metrop., v. 21, n. 45, 2019. p. 647-668.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. O ECLETISMO PARNAIBANO: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2011.

NUNES, Maria Lucia da Silva. FIALHO, Lia Machado Fiuza. MACHADO, Charliton José dos Santos. Reflexões em torno da relação entre história e literatura. Sorocaba: , v. 18, n. 3, 2016, p. 793-805.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo. Teresina: EDUFPI, 2006.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e Literatura: uma relação possível. Curitiba: FAP, v.2, jan./dez. 2007, p. 117-126.

SOARES, Manuel Pereira. A dificuldade em definir cidade: atualidade da discussão à luz de contributos recentes. São Paulo: Cad. Metrop., v. 21, n. 45, maio/ago 2019, p. 647-668.

VERAS, Naira Lorena de Oliveira. Práticas de saúde e de modernidade na cidade de Parnaíba, Piauí (1850 à 1930): um estudo arqueológico. Laranjeiras: 2014.

Fontes

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 3, 1926.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 6, 1929.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 7, 1930.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 8, 1931.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 10, 1933.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba. Editado por Benedicto dos Santos Lima, ano 11, 1934.